

Trebaruna. Deusa da casa e da família na mitologia lusitana. Deusa da guerra e da morte. A esta deusa terá orado Viriato, símbolo maior da resistência lusa. Nesta deusa nos inspiramos. Apostamos no melhor da literatura nacional, nos autores por descobrir. Aqueles autores que ficam. Não nos interessa o mercado do mainstream, regido pelos best-sellers, os livros de rápida rotação e os escaparates comprados a metro. O trabalho com o autor move-nos. E só atendemos às necessidades do leitor exigente. Não seguimos o engenho ruminante que alimenta a indústria do livro. Prestamos culto ao livro.

Trebaruna é o regresso ao essencial.

UMA ANTOLOGIA PORTUGUESA

DES/PUDOR

Nuno Gonçalves

Marta Fonseca

Patrícia Sá

Livia Borges

Vanessa Barroca dos Reis

Martina Mendes

João Barata Rodrigues

Carlos Aleluia

João Freitas

Patrícia Lameida

Nuno Amaral Jorge

Afonso Franca Gomes

Liliana Duarte Pereira

Francisco Horta

André Soares Pereira



Trebaruna

Janeiro de 2026

FICHA TÉCNICA

Título: Des/pudor — Uma Antologia Portuguesa

Autores: Nuno Gonçalves, Marta Fonseca, Patrícia Sá, Lúvia Borges, Vanessa Barroca dos Reis, Martina Mendes, João Barata Rodrigues, Carlos Aleluia, João Freitas, Patrícia Lameida, Nuno Amaral Jorge, Afonso Franca Gomes, Liliana Duarte Pereira, Francisco Horta e André Soares Pereira

Coordenação editorial: Carolina Sousa

Edição: Carolina Sousa e Catarina Alexandre

Revisão: Arlete Gomes e Catarina Alexandre

Fotografia de capa: Alexander Krivitskiy

Composição de capa: Constança Gonçalves

Composição: Constança Gonçalves e Catarina Alexandre

ISBN: 978-989-9331-31-0

Este livro foi composto pelos tipos:

Helvetica Neue e Palatino Linotype

©2026 Edições Trebaruna

©2026 Nuno Gonçalves, Marta Fonseca, Patrícia Sá, Lúvia Borges, Vanessa Barroca dos Reis, Martina Mendes, João Barata Rodrigues, Carlos Aleluia, João Freitas, Patrícia Lameida, Nuno Amaral Jorge, Afonso Franca Gomes, Liliana Duarte Pereira, Francisco Horta e André Soares Pereira
©2026 Constança Gonçalves

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@trebaruna.pt

Telefone: 982 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Edições Trebaruna são marcas da DNL Convergência, Lda.


Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.

Des/pudor

(do latim pudōre- + des)

nome masculino

1. Sentimento de vergonha ou timidez causado por algo que fere a sensibilidade ou a moral de uma pessoa;
2. Mal-estar causado pela nudez ou por questões relacionadas com a sexualidade;
3. Atitude de uma pessoa que esconde sentimentos ou emoções por delicadeza, modéstia ou reserva; recato, discrição;
4. Castidade, inocência;
5. Pureza do corpo e da alma;
6. Honra feminina;
7. Falta de pudor ou vergonha; indecência; descaramento;
8. Cinismo.
9. Luxúria.
10. Libertação, emancipação;
11. Liberdade sexual; erótico.



Nuno Gonçalves devora livros há 30 anos. O prazer da leitura fez crescer a vontade de um dia ver as suas próprias palavras no papel, encadernadas, à espera de um leitor. O caminho escolhido foi outro, e a Medicina atraiu-o mais do que as Letras. Manteve a ligação à literatura, retomando os hábitos de leitura e dinamizando um blogue de crítica literária durante alguns anos. Depois de iniciar uma nova caminhada na escrita de ficção, em 2022 foi o finalista português do concurso de Flash Fiction da EACWP e venceu o prémio António de Macedo 2022.



O ÓBOLO DE CARONTE

Nuno Gonçalves

É curioso que me surjas nessa cadeira onde, em vida, nunca te sentaste. Servia apenas para amontoar a tua roupa a uso. A minha ia ficando amontoada a um canto, no chão. Lembras-te do quanto te irritava? E dizias-me: «Não és capaz de arranjar uma cadeira para a tua roupa? Ou um cabide ou qualquer outra coisa que não o chão?» E eu respondia que qualquer dia tratava disso, que não te preocupasses.

Repara ali no canto. A minha roupa toda ao monte. Nunca cheguei a tratar, nem me atrevo a usar a tua cadeira. Tem ficado ali este tempo todo. Quanto tempo? Seis anos? Mas deixei a cadeira, vê? Acho que esperava que voltasses.

Porquê agora? Todos estes anos de silêncio, dor, saudade, e voltas neste preciso momento? Não te parece um pouco inoportuno?

É bom ver-te. Que digo? Bom? É maravilhoso. Estás linda. Deslumbrante. Fica-te bem o branco, meu Deus. Falando nisso, existe um Deus? Encontraste-o? Deixa, logo hei de descobrir.

Ah, não me olhes com esse inclinar de cabeça reprovador. O que esperavas? O tempo e o desleixo deixaram-me assim, gordo, careca, enrugado.

Sorri para mim, vá lá. Ou dá-me a mão, pelo menos.

Plim.

Com o som da moeda no chão, ela liberta-me o pescoço. O ar acode-me aos pulmões, o sangue ao cérebro, as endorfinas incendeiam-me

e ejaculo dentro dela, sacudido por um orgasmo absurdo que me faz tremer em convulsões de prazer.

Prazer que é cortado pelo desânimo, quando vejo de relance a cadeira vazia.

Ela sorri. Cabelos transpirados, respiração ofegante. Cavalga-me em movimentos lentos, mantendo-me dentro dela e arranhando-me o peito com as mãos que há pouco estavam no meu pescoço.

Chama-se Clarissa.

Fecho os olhos, invadido pela moleza habitual de um corpo satisfeito. Clarissa torce-me os mamilos e deita-se sobre mim. Sinto os seus seios tensos contra o meu peito. Beija-me a ponta do nariz.

— Quero mais... — sussurra, e morde-me a orelha para pontuar o desejo.

Ergue-se e percorre-me o pescoço com a ponta dos dedos, aplica uma ligeira pressão e para.

— Tens a moeda? Não quereria estrangular o meu querido professor... Homicídio por asfixia ficaria péssimo no meu currículo.

Estico-me para recuperar a moeda. Clarissa rodeia-me a garganta com as mãos e recomeça. Mantenho o punho direito de fora do colchão, com a moeda a queimar-me a palma. Assim, quando os músculos me falharem pela falta de oxigénio, a moeda cairá no chão e ela, alertada pelo barulho, soltar-me-á. Clarissa aperta.


Voltas a ocupar o teu lugar, na cadeira do teu lado da cama.

É minha aluna, sim. Que idade tem? Sei lá. Vinte e poucos, talvez vinte e cinco. O teu olhar trocista parece insinuar que eu não terei pedalada para ela. Fico um pouco ofendido, sabes? Tenho apenas mais uns dez ou quinze anos do que a Clarissa, e olha que ainda reservo algum do vigor que... Oh, deixemo-nos de tretas. Claro que não tenho pedalada para esta miúda. Sorve-me a energia toda, mas passo uns bons momentos. Ela gosta disto. Do perigo, da quase morte, de brincar com a vida. E eu aprendi a gostar.

Qualquer dia, enfarto.

Não é como contigo. Nem de perto.

Lembras-te daquela vez, no parque? Namorávamos há pouco. Tínhamos combinado um passeio pelo parque, talvez um café ou um



Marta Fonseca nasceu em Montemor-o-Novo e escreve histórias desde que aprendeu a juntar as letras. Acredita que uma história é o melhor veículo para uma ideia. A sua curiosidade acerca do funcionamento do mundo natural e das possibilidades tecnológicas inclina-a para a ficção científica, género em que se insere o seu conto «Senhora da Boa-Hora», publicado na *Antologia Ficção Especulativa Queer*, da Imaginauta. Foi médico-veterinária até que a paixão por línguas levou a melhor e hoje frequenta o Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



OS OUTROS


Marta Fonseca

SOS. Alívio imediato. Mãos suaves e bonitas

Leonor tirou a bisnaga de creme da prateleira do supermercado e colocou-a no cesto de compras. Outrora não precisara de cremes para ter mãos suaves e bonitas. Que lindas mãos, dissera António há tantos anos, tinha ela 16 anos, e tentara pegar-lhes, mas Leonor fugira, muito corada... O que haviam de pensar os outros se os vissem, uma menina da idade dela? Os outros não querem saber, dissera António, mas, mesmo assim, tivera de se casar para tocar naquelas lindas mãos. As mãos ficaram gastas e secas de lavar a louça e enrugadas do tempo que passara desde a última vez que António lhes tocara de propósito. Não que Leonor procurasse esse tipo de atenção. Havia de ser lindo, uma velha de 60 anos a querer dar a mão, até era vergonha... Não, não podia queixar-se do seu António, que até era um marido fácil, quando estava em casa nem dava por ele, não era esquisito com a comida e sujava pouca roupa. Não era como o da Maria dos Prazeres, que, coitada, volta e meia lá aparecia com os óculos escuros no escritório, mesmo no inverno. Era a cruz que ela tinha de carregar.

O telemóvel apitou-lhe no bolso. Leonor pôs os óculos e olhou para o ecrã. Era uma mensagem de WhatsApp da filha.

«Já estás despachada?»



Patrícia Sá nasceu em 1999 e tem vindo a construir o seu ninho entre a academia e a ficção. Desde muito cedo que encontrou um refúgio na escrita e estreou-se como autora em 2021, com o conto «Amor», na antologia *Sangue Novo*, obra vencedora do Grande Prémio Adamastor de Literatura Fantástica Portuguesa de 2022. É licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas e mestre em Estudos Comparatistas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde integra, também, o Centro de Estudos Comparatistas. Além disso, tem os contos «Sangue e Cinzas», «Guias do Mar» e «Jantar de Natal» publicados, respetivamente, nas antologias *Sangue – Uma Antologia Portuguesa* (2022), *Almanaque Steampunk 2022* e *Onze Contos de Natal* (2022). De momento, coedita o volume *Nosferatu: 100 Anos de Terror*, no seguimento da jornada homónima que coorganizou e que teve lugar no Cinema São Jorge a 22 de junho de 2022, e colabora na Fábrica do Terror.



OFÉLIA

Patrícia Sá

Na mesa de metal, ela jazia de olhos fechados, como se dormisse.

As cicatrizes eram pronunciadas ao longo do ventre, dos braços, dos cotovelos, dos seios, da pelve, dos joelhos, das pernas, dos pés, das costas, do pescoço, da face. As tezes retalhadas davam um aspeto pardo à criatura. O cabelo, feito de fios de diferentes cores, caía-lhe delicadamente sobre os ombros. Os lábios carnudos gretados eram muito diferentes de quando Tomás os vira pela primeira vez, rubros e vivos, mas não menos belos. As bochechas culminavam em maçãs proeminentes no rosto. O nariz pequeno estava impecável, sem um único ponto negro. Os seios redondos não eram muito grandes e tinham a largura certa. O estômago era liso, a cintura esguia, e as pernas suaves como penas, não muito compridas, e sem pelos. Os pés eram delicados, com unhas cuidadas e sem calos.

Tomás cosia o último membro, a vulva, que se abria para ele como uma rosa. Encontrara-a num espécime chamado «Violeta». Não era nada de especial, o rosto demasiado bicudo e o corpo muito fino, mas aquela vulva... Sim, tinha encontrado a última peça para a sua beleza. As partes de Violeta ainda tresandavam a um canto do laboratório. Teria de se livrar dela mais cedo ou mais tarde. Primeiro, no entanto, observaria a sua criação finalmente completa.

Seria de esperar, talvez, uma reação similar à de Victor Frankenstein quando contemplou a sua criatura pela primeira vez. Mas não. Tomás só

viu perfeição. Era Pigmalião olhando a sua Galateia, belíssima, divinal e hipnótica, uma sereia chamando o seu marinheiro.

Sempre sonhara alcançar o impossível. Não havia mulheres perfeitas, bem o sabia, mas todas tinham algo que se aproximava da perfeição. Um sorriso numa cara vulgar; dedos delicados numa mão demasiado grande; ou ombros simétricos sobre costas largas. Se juntasse todas essas partes, nasceria A Mulher Perfeita.

Norteado por essa hipótese, Tomás viajara por todo o mundo em busca das melhores partes femininas. Colecionara-as, removera-as delicadamente das carcaças que as carregavam, e dera-lhes uma nova dona.


Lá estava ela, completa, pronta a acordar.

Tomás observava a sua criação entre lágrimas. Tinha conseguido, tinha mesmo conseguido. Acariciou-lhe o cabelo, deliciosamente sedoso, e pousou os lábios sobre a testa, junto às raízes cosidas ao longo de meses. Dentro de instantes, ela abriria aqueles olhos lindos pela primeira vez. Eram de um tom que Tomás nunca vira antes de descobrir Diana, um misto de verde, avelã e dourado, com uns salpicos azuis-celestes. Sublimes. Tinha sido algures por essa altura que Tomás começara a sentir raiva daquelas mulheres. Como podiam achar-se no direito de manter cativos aqueles vislumbres de perfeição? Ainda para mais, em corpos tão medíocres. Porque resistiam quando se viam perante uma deusa em construção, alguém infinitamente mais digno de carregar os traços do divino? Enojavam-no.

Olhando a dona do seu coração ainda imóvel, Tomás esfregou as mãos. Era hora de a acordar. Também tivera cuidado ao reunir os órgãos, escolhendo os mais aptos. O cérebro, em especial, seria perfeito, pois pertencera à mulher original, a sua primeira musa, que o traíra quando deixara que a idade a afetasse. Pena. Tomás chegara mesmo a pensar ter encontrado uma ninfa entre humanos. Mas não. Ofélia era como todas as outras.

Esta seria uma nova Ofélia, uma Ofélia melhor.

Examinou o ramo de flores entre as mãos dela e esboçou um sorriso doce. Apesar de tudo, Tomás era um romântico, e também um apaixonado pela tradição humana. Shakespeare era um dos seus



Lívia Borges escreve por paixão e por maravilha. Começou pelo romance histórico, tendo publicado três títulos nessa área, sendo que o mais recente, *Abelterium* (Edições Trebaruna), foi editado em 2022. Em 2021, publicou o seu primeiro livro de ficção científica, *Futuro* (Editorial Divergência), e ainda um romance muito pessoal, sob pseudónimo, intitulado *Sonho de Verão* (Projecto Foco). Apresenta vários contos de sua autoria incluídos em diversas antologias, destacando-se *O Resto É Paisagem* (Editorial Divergência) e *Sangue – Uma Antologia Portuguesa* (Edições Trebaruna). Sob pseudónimo, surge como autora de obras de *fanfiction*, tendo sido reconhecida com vários prémios.



A FOTOGRAFIA

Livia Borges

Ela fotografava tudo o que lhe surgia à frente, sem qualquer pudor. E partilhava o que fotografava com igual descaramento e desenvoltura. Seguia solta, livre, despreocupada, dona das suas convicções e das suas imagens, muito segura das suas escolhas. O excesso de exposição no mundo virtual não lhe fazia impressão, nem achava que devia ser mais recatada.

Até que... Pois, *até que!* Havia sempre um primeiro dia em que o mundo perfeito era arruinado, o trauma aparecia e depois havia que curar o ferimento deixado no coração e na alma. O asco... O medo... A desconfiança...

Tempestade!

Ela adorava tirar fotografias. Fazia parte da sua personalidade impulsiva e despreocupada, fazia parte das suas manias. Era uma necessidade de expressão. Podia pintar quadros, escrever contos ou apontar para uma medalha olímpica numa modalidade obscura para revelar a sua verdadeira essência e afirmar-se realizada, completa, feliz. Mas o que ela gostava mesmo era da captura do mundo em pequenos retângulos fixos que congelavam o momento. Fotografias. Era a sua arte. Fotografar.

Apontava o telemóvel a tudo o que se mexia e o que não se mexia. *Clique. Clique. Clique.* Guardava diversos álbuns virtuais no

aparelho, nomeados a partir do tema principal das fotos. Comida. Férias. Trabalho. Amores. Desamores. Família. Festas. Amigos. Conhecidos. Colegas. Bichos. Plantas. Experiências. Sons. Cores. Céus. Mar. Floresta. Ruas. Estradas. Cores. Noites. Tretas. Afins. Estava tudo catalogado, impecavelmente seriado de acordo com datas e pertinência. Havia sempre uma área, dentro de cada álbum, em que marcava as imagens preferidas que admirava com um enlevo apaixonado, congratulando-se pelo seu incrível olho de fotógrafa amadora. Os enquadramentos excepcionais, o jogo de luz e sombra, a beleza efémera que se tornava perene excitavam-na, aqueciam-na, deliciavam-na com instantes de prazer intenso e escaldante.

E depois havia as redes sociais onde disponibilizava essas imagens selecionadas, privilegiadas, magníficas, únicas. Sempre uma dezena, ou mais, por dia. O primeiro vislumbre da janela do quarto, o prato do pequeno-almoço, o exercício no ginásio, o canteiro de flores especialmente bem arranjado, a velha a atravessar a rua, o autocolante no candeeiro, o garfo da sobremesa, a irregularidade do passeio, a resma de formulários por tratar, o café da pausa da tarde, o semáforo fechado no regresso a casa, o cão a passear o dono, o gato sobre o muro próximo, a lua desfocada na esquina do prédio, a folha dobrada no canto do livro que lia, o fumo da caneca do chá, a ponta do travesseiro da cama onde não iria sonhar.

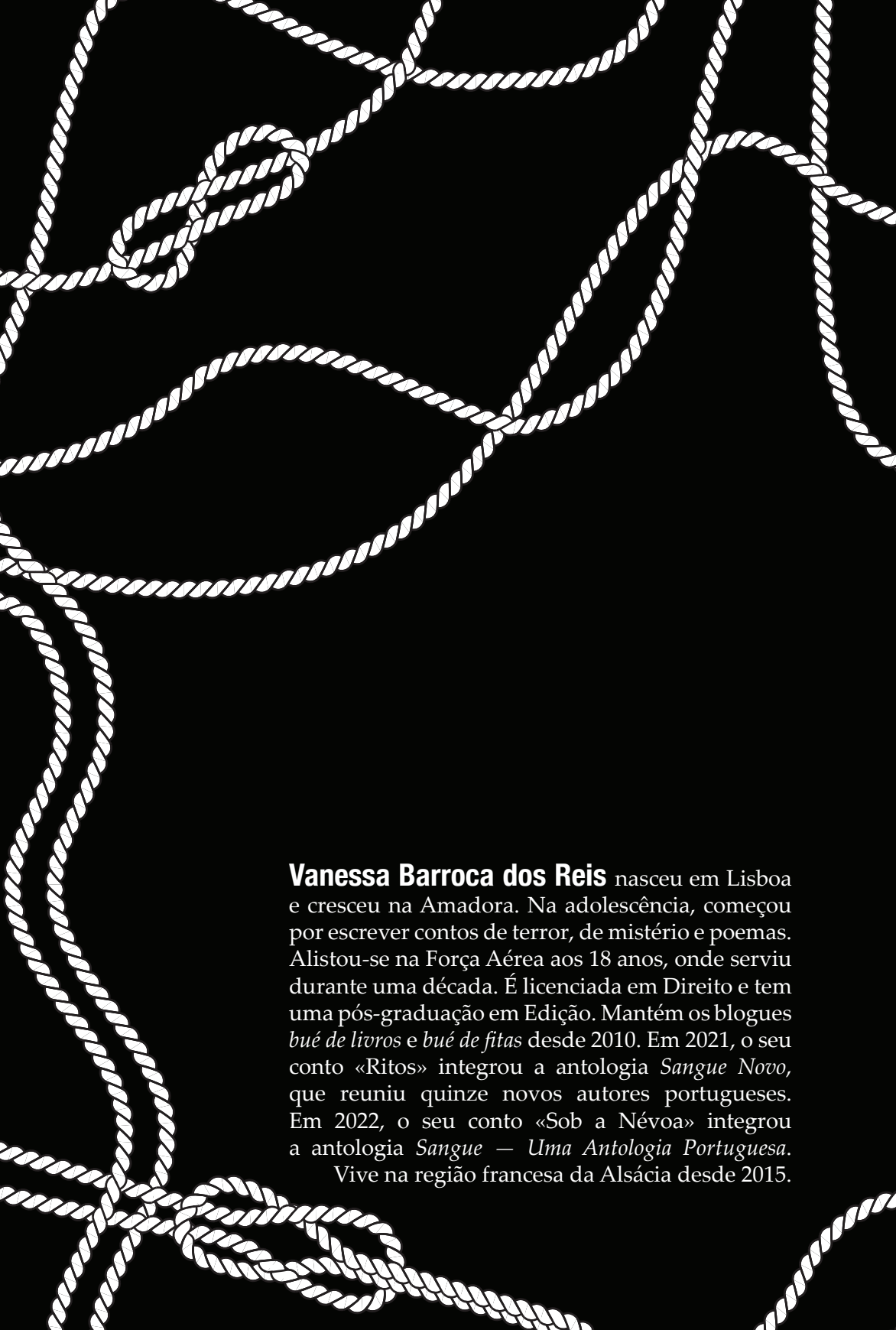
Ela não precisava de sonhos. Ela construía — arfante, persistente, manhosa — um catálogo colorido que definia as suas fantasias.

Era uma desavergonhada no que tocava ao registo imagético da sua vida. Expunha-se, despia-se, exhibia-se. Contava e recontava o que lhe acontecia, o que não lhe acontecia, o que queria que acontecesse. As pausas, os afazeres, as hesitações, as teimosias, os espantos, as canseiras. Engasgava-se ao encontrar a memória de uma imagem de há um, dois, três, cinco anos — há tanto tempo!, gritava emocionada a revirar os olhos, o peito numa convulsão —, recordada sistematicamente pela aplicação da rede social que apreciava a sua profícua atividade na plataforma e lhe enviava notificações a estimulá-la a mais. E ela não se fazia rogada. Publicava, imparável. Apenas imagens. Nada de

palavras, nada de *emojis*, nada de insinuações. Também nunca partilhava as publicações dos outros. Não precisava. Ela compunha, sozinha e sem muletas, o seu mundo virtual, tecendo-o naquela tapeçaria artística com um tema comum. Ela. E precisava de ser coerente. Nada de distrações, nada de futilidades, de pulsões que destruíssem a harmonia do que construía pacientemente.

Tinha uma legião de seguidores. Faziam parte do seu círculo familiar e profissional, amigos da escola que de vez em quando pingavam nas pessoas a adicionar, amigos que ela conservava ainda vindos das brumas de tempos recuados. Como deixava as publicações em modo público, tinha também muitos desconhecidos que se juntavam à sua exposição naquela inusitada galeria incorpórea. Desativara os comentários e as caixas de mensagens. Não suportava ter de se explicar, aceitar elogios ou bloquear os idiotas invejosos. Considerava que era energia desperdiçada, zangar-se, indignar-se ou encantar-se. Sem comentários, sem reações fora das permitidas por cada plataforma assinaladas com os respetivos símbolos estilizados, desprendia-se da obrigação de ser simpática. Também não era antipática. Assumia-se como misteriosa, cultivava pacientemente uma personalidade intrigante que, em última análise, lhe granjeava novos admiradores. Assim, não considerava importante colecionar *gostos*, nem verificava o número das visualizações.

Contraditoriamente, preferia receber as palavras de incentivo no mundo real. Perguntavam-lhe amiúde quando iria revelar as suas fotografias tão bonitas. Podia fazer álbuns físicos para oferecer em aniversários ou pelo Natal, imprimir-las em grandes telas para emoldurar e decorar as paredes da sua casa, participar em concursos com prémios em dinheiro, fazer-se conhecida no meio dos fotógrafos amadores, porventura tornar-se profissional e *freelancer*. Não, não, negava ela assustada. Isso seria... demasiado íntimo. As fotografias estavam nas redes sociais, agitavam-se os que a interpelavam e que só queriam que o seu talento fosse reconhecido. Mais ainda? Sim, mais ainda! Um milhão de seguidores não chegava? Achava-os ambiciosos e despropositados, sorria-lhes e ignorava-os. Havia coisas que só



Vanessa Barroca dos Reis nasceu em Lisboa e cresceu na Amadora. Na adolescência, começou por escrever contos de terror, de mistério e poemas. Alistou-se na Força Aérea aos 18 anos, onde serviu durante uma década. É licenciada em Direito e tem uma pós-graduação em Edição. Mantém os blogues *bué de livros* e *bué de fitas* desde 2010. Em 2021, o seu conto «Ritos» integrou a antologia *Sangue Novo*, que reuniu quinze novos autores portugueses. Em 2022, o seu conto «Sob a Névoa» integrou a antologia *Sangue — Uma Antologia Portuguesa*. Vive na região francesa da Alsácia desde 2015.



LADIES' NIGHT

Vanessa Barroca dos Reis

(Este conto segue o acordo
ortográfico de 1945)

Aquela era uma noite de arrependimentos.

Reclinada no banco do carro, a cabeça pendente para o lado do vidro entreaberto, a cheirar a vômito e a sentir-se mais para lá do que para cá, Anabela só queria chegar a casa e deslizar para o vale dos lençóis envolta num pijama de flanela.

Pegou no telemóvel e ligou a quem lhe pudesse valer. A operadora atendeu logo, lembrou que a linha era apenas para emergências e transferiu a chamada, quase sem dar tempo a Anabela, ocupada que estava em suprimir um arroto amargo, de lhe agradecer.

— Boa noite, fala o piquete — disse uma voz masculina num tom neutro.

— Ai, a minha cabeça... boa noite.

Depois de uns segundos de silêncio, a voz do outro lado retornou, mantendo o tom:

— Fala o agente Nogueira, o piquete da noite. Posso ajudar?

— Err, não está por aí uma senhora, hmm, uma senhora agente, por acaso?

— Não.

— Ah pois, é que, sabe... fui jantar fora e já não o fazia há muito tempo, e... — Uma náusea fê-la parar. Passou a mão pela testa, que estava quente, e sentiu o peganhento do óleo do *stripper*, um cheiro

enjoativo adocicado, que a fez limpar as mãos à batinha do vestido. — E então, bebi demais, ou melhor, não me caiu bem o que comi, e não devia ter pegado no carro, mas agora já peguei e parei aqui na auto-estrada, e liguei as luzes, porque acho que não é boa ideia continuar, e — uma pausa para inspirar fundo — agora preciso de ajuda para chegar a casa em segurança, e chamar um táxi, não confio que não meta por ruas secundárias e já não tenho muito dinheiro comigo, e não quero atropelar ninguém, e a polícia deve garantir a segurança nas estradas, e já que está aqui ao telefone, e se a noite estiver calma, será que alguém me pode ajudar, por favor? Não quero morrer nem matar ninguém, percebe? Sou uma boa pessoa, uma pessoa... boa! — Esta última parte foi uma súplica, e Anabela sentiu-se tão pateta que lhe vieram as lágrimas aos olhos.

— E não tem ninguém a quem ligar? Um familiar, um amigo? — Directo, o tom neutro.

— Tive, tinha um namorado, mas acabámos, e a minha mãe está num lar, e as pessoas com quem saí hoje, nenhuma está boa para conduzir... — *Ou espero que não o façam*, pensou Anabela, que se afundou mais no banco, vendo no espelho um carro que se aproximava, rápido, e que passou sem diminuir a velocidade, os ocupantes borrões de cor nas sombras.

— E onde é que está? — Um barulho de teclas do outro lado, o som distante de vozes enquanto uma porta se abria e fechava.


— Estou a uns minutos do Diabruzas, pouco depois da entrada na auto-estrada...

— Certo. Em que sentido?

— A caminho da margem sul.

— Marca e modelo do carro, cor e matrícula, por favor.

Anabela disse tudo duas vezes, a segunda vez mais devagar, respirando sempre pelo nariz. Queria acrescentar que o seu carro era azul, mas o namorado (ex-namorado, Anabela!) insistia que era verde, principalmente à noite, e se calhar parecia mesmo verde quando estava mais escuro, mesmo depois de ela lhe ter mostrado o livrete, ao que ele encolhera os ombros, insistindo que lhe parecia verde.



Martina Mendes é uma jovem escritora ansianense que se estreou com «Conta Comigo», um conto que integra a antologia *Sangue Novo*. Na sua adolescência interessou-se pela escrita como forma de escapar das aulas a que assistia. Inicialmente escrevendo finais felizes para aqueles que não os tinham e, mais tarde, até hoje, dando-nos as histórias daqueles que não os têm.



MÁSCARA

Martina Mendes

Às vezes perguntava-se como é que seria estar no limbo. Estar vivo, mas não querer viver. Ter medo de morrer, mas querer o silêncio. Querer deixar de sentir. Querer o nada, o vazio.

Seria como uma onda? Uma onda de vazio? Pouco a pouco, a erosão seria visível. Primeiro no olhar. Depois na mente entorpecida. Tal como uma onda, ora recuava, ora avançava. E, tal como o mar, seria impossível impedir a maré alta. Uma maré que acabaria por submergir qualquer um. Deixaríamos de ouvir com clareza, como que bloqueados do mundo. Sentiríamos paz, como se flutuássemos. Seria estar vivo, mas adormecido.

Ou seria um buraco negro que consumiria tudo o resto? Um que arrastasse o coração para a destruição? Poderíamos sentir a sua força. O puxão para a não existência. E, quando nos deixássemos cair para a negritude, sentiríamos dor? Ou seria como nos deixarmos dormir?

O seu trabalho era dar uma mão, um braço, tudo o que fosse preciso para que não caíssem, para que não se afundassem.

— A pensar saltar, Doutora?

Depois de tantos anos de estudo, de treino, ainda se deixava envolver pelos sentimentos daqueles que tentava ajudar.

— Ainda não, Detetive — respondeu sem se virar.

Não era a primeira vez que o detetive a encontrava ali, a matutar nos casos em que trabalhava. A deixar-se afetar por eles. Desde cedo que o telhado do edifício, aquela bordinha de cinquenta centímetros

onde se sentava, balançando os pés no precipício, era a sua zona de libertação. Outro psicólogo acharia *interessante* a escolha do local.

— *Ainda não?*

Sofia passou as pernas para o lado seguro do telhado.

— Não interprete o que eu digo.

Ele sorriu.

— A provar do mesmo veneno, não é, Doutora?

Ela suspirou. Um suspiro cansado. Exausto. Farto.

— Hoje não.

O sorriso do detetive desapareceu imediatamente. Tinham sido raros os momentos em que vira a doutora naquele estado. Lourenço sabia o que significavam. Significava que o trabalho não era só um trabalho e que o que faziam se tinha finalmente entranhado. Esse era o lado mau de ter sentimentos. Mais tarde ou mais cedo, seriam o Inferno e o Paraíso ao mesmo tempo. Porque é que era sempre o Inferno que mais os marcava?

Sentou-se ao lado dela. Não a observou enquanto Sofia olhava para o céu.

Deixaram-se ficar assim, em silêncio. Se esperassem tempo suficiente, o silêncio acalmaria também o que sentia.

E, pouco a pouco, a doutora voltou a ser a doutora, aquela a quem nada afetava.

— Vai a tribunal ou veio deixar um relatório? — perguntou quando sentiu a diferença.

— Os dois.

Sofia fechou os olhos. Tinha de se compor. Recompor. Doía. Mas era necessário trazer a cabra da psicóloga forense. *Adorava* quando lhe chamavam isso.

Sofia sabia que o detetive ao seu lado também tinha a sua máscara. Aquela que caía quando estava no telhado. Terreno comum para dois adultos que não conseguiam aguentar mais o fingimento quotidiano. A máscara que não saía ao fim-de-semana quando se encontravam com os amigos para *desanuviar*. A máscara que só podiam despir quando estavam sozinhos. Só aí.

— Qual é o caso?

— A dos pais *educadores*.

— Merda.

Sofia olhou para ele.

Sorriu.

— O maior eufemismo da história.

Lourenço olhou finalmente para ela. Apesar de sorrir, não lhe chegava aos olhos.

— A minha mãe ensinou-me a não dizer palavrões em frente a senhoras.

Desta vez, um brilho chegou aos seus olhos, iluminando o castanho neles, diminuindo as olheiras que os marcavam.

Sofia sabia o que é que ele estava a fazer. Já tinham feito aquela dança demasiadas vezes.

— Acreditaria se não soubesse que não teve pais.

Ele sorriu levantando-se, pondo uma mão ao coração.

— Ouch. Essa doeu. Sinto que a cabra da psicóloga está a emergir.

Sofia levantou-se também. A cabra estava de volta, mas não totalmente.

— Obrigada — disse ainda com um sorriso nos lábios.

— Quer que a acompanhe?

— Não é preciso. Obrigada, detetive.

Tinha de se recompor e não o conseguiria fazer se estivesse com ele.

Descer as escadas ajudá-la-ia a voltar a si. A voltar à psicóloga fria que todos conheciam. No primeiro lanço de escadas, o sorriso desapareceu com a mesma rapidez com que as descia. Cada degrau era uma pedra no muro que separava os seus sentimentos das atrocidades que vivenciava na profissão.

No segundo, abrandou o passo. Não podia descer tão rápido. Tinha de abrandar o batimento do coração. Cada batimento forte, mas calmo. Era assim que ela tinha de ser.

No terceiro, a cabra da psicóloga estava de volta.

Não pensaria no caso. Ainda não.

Antes de o enfrentar, ainda tinha de compor a máscara. Entrou na casa de banho, estava sozinha. Eram raros os momentos em que

conseguia estar sozinha ali. Aproveitou para limpar a maquiagem. Teria de recomeçar o processo e, finalmente, estaria pronta.

Mas enquanto lavava a cara, não conseguiu deixar de imaginar a sua *cliente* a afogar-se. A afogar-se nas lágrimas que não corriam. Nos pequenos olhos esverdeados, secos e vermelhos durante as suas sessões. Na voz áspera quando respondia «sim» e «não». Nas respostas dadas e nas respostas não dadas.

Os meus pais não são maus.

Sofia não suportava a dor que lhe tinham impingido. Os pais. Os serviços sociais. Ela própria.

Os meus pais não são maus.

A água escorria pela face de Sofia. A sua visão embaciada com a pequena Eduarda, que dizia que os seus pais não eram maus.

Até que lhe disseram que eram. E, na sua mente, a verdade começou a emergir.

Mas eles não são maus.

A negação continuaria. Continuou. Até começar a romper.

Não são. Eles são bons para mim. Eu gosto muito da Mamã e do Papá.

Cada vez que Eduarda o dizia, Sofia sentia que o seu coração era apunhalado. Porque é que tinham de magoar uma criança até àquele ponto? Porque é que tinham de destruir a ilusão que mantinha?

Sofia esfregou a cara. Mergulhou as mãos na água e voltou a lavar a face.

Não precisava de olhar para o espelho para saber que chorava. Não por ela. Mas pela criança que destruíam. A criança que queria ajudar, mas que no processo tinha sido destruída. Não importava se por ela ou pelos pais. A inocência tinha acabado. Para sempre. Não poderia ser restaurada.

Eu sou má?

Secou a cara.

Eu sou má, não sou?

Com movimentos circulares, foi espalhando o creme hidratante. Os seus olhos estavam agora secos. Ardiam. Sofia não sabia se das lágrimas se do creme. Talvez dos dois. Talvez de nenhum.

Eu estou suja agora. Não consigo lavar, Sofia.

Colocou o protetor solar.

Por mais que tome banho... A avó diz que estou suja.

Suja. Uma criança de 11 anos.

O corretor fez desaparecer as olheiras, mas não as cicatrizes que sentia por aquela criança.

Talvez eu merecesse...

Como?! Agarrou na base com força. Podia sentir o plástico a ceder.

Talvez eu...

Eduarda tinha baixado a cabeça. Lágrimas marcavam o tapete por baixo dos seus pés. Não havia som. Não tremia. Mantinha-se totalmente imóvel.

Não acho justo. Quem é que diz o que está certo? Os pais deviam ensinar os filhos como quisessem. A Mamã e o Papá só me queriam ensinar. Queriam ensinar-me a ser uma boa menina. Eu sou uma boa menina?

Era. Aos olhos de qualquer pessoa, ela era uma boa menina. Tinha seguido as ordens dos pais, sem questionar.

Às vezes não faço o que os papás dizem. Mas desta vez fiz. Sou uma boa menina. Mas agora estão presos.

Eduarda chorou. Pela primeira vez.

Eu fui uma boa menina e eles agora estão presos.

Sofia aplicou a base, espalhou-a pela face em movimentos circulares. Também tinha sido a última vez que chorou.

A partir daquele momento, Sofia nunca mais viu Eduarda chorar.

Pôs o rímel, curvando um pouco mais as pestanas.

Afastou-se do espelho.

Batom, ainda faltava o batom. Talvez numa cor suave. Sim, uma cor suave.

A maquilhagem faz as meninas ainda mais bonitas. O Papá gosta do vermelho. Como a Branca de Neve.

— Merda.

O vermelho é a cor que os meninos mais gostam, sabias?

ÍNDICE

O Óbolo de Caronte	
Nuno Gonçalves	3
Os Outros	
Marta Fonseca	11
Ofélia	
Patrícia Sá	19
A Fotografia	
Lívia Borges	27
Ladies' Night	
Vanessa Barroca dos Reis	37
Máscara	
Martina Mendes	47
As Luzes de António	
João Barata Rodrigues	61
O Dragão e o Lótus	
Carlos Aleluia	69

Coração	
João Freitas	87
Do Poder e do Prazer	
Patrícia Lameida	93
Líquido	
Nuno Amaral Jorge	107
Dancei em Pares de Nove	
Afonso Franca Gomes	129
Lei Eterna	
Liliana Duarte Pereira	145
O Equívoco	
Francisco Horta	161
Hambúrguer	
André Soares Pereira	169